

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS POLÍTICAS EXTERNAS DA ALEMANHA WILHELMINA E DA CHINA NO SÉCULO XXI*

VITOR DECCACHE CHIOZZO
Primeiro-Tenente**

SUMÁRIO

Introdução
Cenário externo
Imperativos geopolíticos e econômicos
Política externa
Poder Naval
Conclusão

INTRODUÇÃO

Neste texto pretende-se apresentar as nossas conclusões quanto à seguinte questão de partida: em que medida o atual comportamento da política externa chinesa, simbolizada pela iniciativa de integração regional “One Belt, One Road” (*Obor*), guarda semelhanças com a *Weltpolitik*,

política mundial, e o comportamento internacional da Alemanha de Wilhelm II (1888-1914).

A iniciativa *Obor* compreende dois conceitos: a *Silk Road Economic Belt* (Cinturão Econômico da Rota da Seda) e a *21st Century Maritime Silk Road* (Rota Marítima da Seda do Século XXI). Estes dois conceitos preveem a criação de um conjunto altamen-

* N.R.: Título apresentado pelo autor: “One Belt, One Road” Initiative e Weltpolitik: Um Breve Estudo Comparativo entre as Políticas Externas da Alemanha Wilhelmina e da China no século XXI.

** Bacharel em Relações Internacionais pela Unilasalle-RJ (2015). Aperfeiçoado em Hidrografia (2014). Serve no NHi *Taurus*.

Imagens: Iniciativa *Obor*

te integrado, cooperativo e mutuamente benéfico de corredores econômicos marítimos e terrestres que ligarão os mercados europeus e asiáticos à China. Compõe-se de uma gama de mais de 60 mercados emergentes e países em desenvolvimento, com uma população total de mais de 4 bilhões de pessoas e um agregado econômico de cerca de US\$ 21 trilhões (Swaine, 2015). Segundo a mídia estatal, o *Obor* vai cobrir quase dois terços da população do mundo e um terço do Produto Interno Bruto (PIB) global. (*The Economist*, 2015, p.5).

Para tal, adotar-se-á neste artigo a perspectiva analítico-descritiva, majoritariamente qualitativa, em forma de estudo comparativo, em que se assume como objeto da nossa análise o período compreendido entre o ano de 1890 – cuja importância se deve à saída do chanceler Otto von Bismarck do

poder, e consequente alteração de escopo e métodos da política externa de alianças alemã empreendida até então por Bismarck, para sua vertente expansionista e assertiva, a *Weltpolitik* alemã – até o início da Primeira Guerra Mundial, e a atual política externa chinesa, representada pelo *Obor*. A fim de tornar a análise mais clara, as seções serão divididas em quatro: Cenário Externo, Imperativos Geopolíticos e Econômicos, Política Externa e Poder Naval, todas analisadas em âmbito comparado.

Este trabalho tem como ponto de partida os artigos “Chinese Views and Commentary on the One Belt, One Road Initiative”, de Michael D. Swaine, publicados no *China Leadership Monitor*, da Universidade Stanford, dos Estados Unidos da América (EUA) e o relatório “Prospects and challenges on China’s ‘one

O *Obor* vai cobrir quase dois terços da população do mundo e um terço do Produto Interno Bruto (PIB) global

belt, one road’: a risk assessment report”, da unidade de Inteligência Econômica da prestigiosa revista britânica *The Economist*, ambos de 2015, os quais estarão presentes ao longo desse sintético estudo comparativo, e nas referências bibliográficas, aos leitores que desejarem conhecer em profundidade essa ousada iniciativa de integração regional.

CENÁRIO EXTERNO

O fim da Guerra Fria, com o desaparecimento da ameaça socialista representada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), concomitante ao processo de consolidação democrática nos países outrora satélites soviéticos, fomentou, em todos os quadrantes, o debate sobre o significado da nova conjuntura mundial e seus efeitos sobre os Estados. (Pinto, 2015, p.81). A rápida e decisiva vitória da coalizão liderada pelos EUA na Guerra do Golfo (1990-1991) consolidou em muitas mentes a impressão de que uma nova ordem internacional havia sido estabelecida, sob a liderança hegemônica dos EUA, assentada em princípios liberais no aspecto político, e no livre mercado nas relações econômicas. Além disso, sobretudo a partir de meados dos 2000, identifica-se um movimento de maior notoriedade da China no sistema internacional, ensejando a diversas análises que vaticinavam que este país, decorrente de sua pujança econômica,

seu território, sua população e sua capacidade militar em ascensão, em médio prazo superaria os Estados Unidos como o poder hegemônico mundial¹.

Tal cenário de disputa hegemônica também era percebido no final do século XIX e início do século XX:

(...) pode-se mencionar a percepção de haver importante transição em curso no sistema internacional (antes entre Grã-Bretanha, de um lado, e Estados Unidos, Alemanha e Japão, de outro; agora, entre Estados Unidos, de um lado, e China, do outro), acoplada à aceleração do tempo histórico, e à insegurança derivada do ritmo frenético das mudanças suscitadas pelas novas tecnologias². (Alsina Júnior, 2015, p. 350)

Em que pese a citação do autor colocando os Estados Unidos e o Japão como postulantes à hegemonia mundial, é conhecido que a Grã-Bretanha identificava na Alemanha pós-unificação seu principal rival estratégico e postulante à hegemonia, posto que a última se tornou “a principal potência industrial na Europa. Só restou a Grã-Bretanha como única rival séria” (Wesseling, 1998).

Portanto, à semelhança da conjuntura internacional no fim do século XIX e início do século XX, o fim do século XX e início do século XXI assiste ao que pode ser caracterizado por uma possível transição he-

1 A China está bem em seu caminho para se tornar um formidável poder global. O tamanho de sua economia quadruplicou desde o lançamento de reformas do mercado no final de 1970 e, segundo algumas estimativas, irá dobrar novamente durante a próxima década. Tornou-se um dos principais centros de produção do mundo e consome cerca de um terço da oferta mundial de ferro, aço e carvão. Ela acumulou robustas reservas externas, mais de US\$ 1 trilhão no final de 2006. Os gastos militares da China têm aumentado a um ritmo ajustado pela inflação de mais de 18 por cento ao ano, e sua diplomacia ampliou seu alcance não só na Ásia, mas também na África, na América Latina e no Oriente Médio. De fato, enquanto a União Soviética rivalizava com os Estados Unidos como única concorrente militar, a China está emergindo tanto como um rival militar e econômico, anunciando uma profunda mudança na distribuição do poder global (tradução livre).

2 As novas tecnologias de então, continua o autor, eram derivadas da eletrônica, da física e da química, as quais estiveram no cerne da segunda revolução industrial. Atualmente, as inovações, fundamentalmente, se encontram nos campos que podem ser considerados derivados das três áreas citadas: genética, biotecnologia, microeletrônica, nanotecnologia, robótica, cibernética etc. (idem, p.351).

gemônica, permitindo-nos espelhar a diáde de outrora, Grã-Bretanha *versus* Alemanha, na atual Estados Unidos *versus* China.

IMPERATIVOS GEOPOLÍTICOS E ECONÔMICOS

A Alemanha, tão logo findado seu processo de unificação na sequência de vitórias contra a Áustria-Hungria em 1866 e a França em 1870-1871, recolheu-se sob o triunfo da ideia de *Kleindeutschland* (Pequena Alemanha). (Fernandes, 2014, p.71)

O chanceler Otto von Bismarck tinha como principais objetivos a estabilização e a acomodação de seu país no espaço europeu, tido como o seu espaço geopolítico de atuação por excelência. Era contrário, inicialmente, ao estabelecimento de colônias, posto que havia complexas questões estratégicas que demandariam maior atenção do *Reich*. A Alemanha situava-se na denominada *Mitteleuropa* (Europa do Meio), não dispendo de fronteiras naturais na quase totalidade do território, condição suplantada somente ao Norte, com dois mares regionais, o Mar do Norte e o Mar Báltico, que mesmo assim não lhe permitiam acesso direto ao Oceano Atlântico. Ademais, a maior preocupação de segurança residia nas presenças de França a oeste e Rússia a leste do território alemão. (Fernandes, 2011, pp. 270-271)

Portanto, dado os imperativos geopolíticos, o “chanceler de ferro” dispunha de poucas opções de políticas externas que não levassem ao conflito com seus vizinhos, adotando aquela de baixo perfil, *low profile*, na qual procurava “conter as rivalidades europeias, alterando para isso a balança de poderes, por meio da construção de uma complexa política de alianças, na qual a Alemanha desempenhava o papel de árbitro diplomático”. (Fernandes, 2014, p.71)

A China enfrenta imperativos geopolí-

ticos semelhantes. Tanto é que outrora se denominara “Império do Meio”, posto que ocupa posição quase central na Ásia, além de se considerar o centro de um sistema internacional sinocêntrico (Shambaugh, 2008, p.8). Ademais, a China não possui fronteiras naturais ao Norte e a Oeste, mas somente ao Sul, a Cordilheira do Himalaia, com a Índia.

De maneira análoga à Alemanha wilhelmina e seu acesso ao Oceano Atlântico, tendo a Grã-Bretanha capacidade de lhe impingir um bloqueio naval, a China não dispõe de ligação direta com o Oceano Pacífico, pois é banhada por mares regionais (o Mar do Sul da China, o Mar do Leste da China e o Mar Amarelo), além de, analogamente à Alemanha, também encontrar rivais nesses mares ao seu projeto geopolítico, como Japão, Coreia do Sul, Filipinas, Vietnã, Indonésia e Taiwan (Till, 2009, p. 326).

Diferencia-se, contudo, da Alemanha Imperial, por possuir *buffer states*, estados-tampão, nas fronteiras de seus rivais geopolíticos continentais, como Butão e Nepal, com a Índia; a Mongólia, na fronteira com a Rússia (Buzan & Weaver, 2003, p.100); e a Coreia do Norte, com a Coreia do Sul.

No que tange aos imperativos econômicos, Fernandes (2014, p.70), se valendo de Conrad (2012), apresenta argumentos de ordem econômica e cultural para a colonização alemã, empreendida no contexto da *Welt-politik*, tema da seção seguinte deste artigo.

O Império Alemão, desde 1890, sofria de uma crise de superprodução nos setores elétrico, químico e metalúrgico. Acordo Fernandes (2014, p.71), “o seu crescente desenvolvimento econômico e industrial justificava a necessidade de encontrar mais recursos e novos mercados para a exportação de produtos que, por sua vez, poderiam ser conseguidos através da posse de colônias”.

Além da questão industrial, a expansão comercial decorrente do aumento da população e do retraimento do setor agrícola em detrimento ao industrial e também a elite financeira que financiava esses empreendimentos exerceram forte impacto para uma expansão alemã *overseas*. Essa expansão era contrabalanceada por instrumentos de *softpower*, neste caso a difusão da língua e da cultura alemãs para as nações “atrasadas”, no linguajar darwinista social empregado à época. A expansão comercial ensejou um aumento da frota mercante alemã, bem como de uma Marinha de guerra adequada que protegesse as linhas de comunicação e o tráfego marítimos, função precípua de uma força naval.

O caso chinês do século XXI não é diferente do alemão do fim do século XIX e início do século XX. A iniciativa *Obor* está assentada, sobretudo, na expansão dos setores de infraestrutura e construção civil chineses (*The Economist*, 2015, p. 5), sendo, ainda que não oficialmente, uma estratégica resposta à nova conjuntura econômica chinesa, que passa pela busca de recursos naturais e expansão da economia em busca de novas áreas, em prol do avanço econômico interno:

onde o mercado, os recursos energéticos e o investimento externo são integrados extensivamente. Por meio do desenvolvimento da estratégia de *Belt and Road*, o esforço de maior abertura ao mundo exterior, e a introdução interna e ligação externa, iremos efetivamente promover o ajustamento da estrutura econômica e promover a transformação econômica e modernização da China. (tradução livre)

Ademais, a iniciativa seria acompanhada da expansão dos mecanismos de crédito e financeiros chineses de capital privado e estatal, por meio de empresas como a

UnionPay, de cartões de crédito, e fundos específicos, como o *Silk Road Fund*, e capitais oriundos do Asia Infrastructure Investment Bank (AIIB) (Swaine, 2015, p. 3).

A iniciativa *Obor*, ao passo que gerará um aumento exponencial do comércio, posto que incorporará “dois terços da população mundial e um terço do Produto Interno Bruto global” (*The Economist*, 2015, p. 5), não pode prescindir da componente marítima, posto que o transporte marítimo constitui artéria fundamental do comércio mundial, tendo-se a necessidade de:

garantir a segurança das rotas de transporte, especialmente as rotas marítimas. . . a manutenção da segurança das rotas marítimas envolve uma grande quantidade de cooperação de segurança não tradicional, como o combate conjunto à pirataria, o trabalho conjunto de salvamento no mar e o cumprimento conjunto multinacional da lei. (tradução livre)

Dado o exposto, percebe-se que as expansões comerciais e industriais, alicerçadas no capital financeiro, vivenciadas por ambos os países em tela, consequências de seus dinamismos econômicos à sua época, constituem mais uma convergência de que a estratégia *Obor* chinesa guarda semelhança com a de *Weltpolitik*, observadas as proporções de que a expansão alemã possuía caráter imperial e colonial, ao passo que a *Obor*, pelos discursos oficiais, incorpora elementos de cooperação além dos mecanismos já existentes, sendo uma iniciativa que pretende alinhar as estratégias de desenvolvimento (Swaine, 2015, p.6), por meio da liderança chinesa, dos países participantes.

POLÍTICA EXTERNA

Nessa seção serão abordadas as políticas externas mais assertivas, seguidas por

Alemanha, entre os anos de 1890 e 1914, e China, no bojo da expansão das necessidades de suas economias.

Após o afastamento de Bismarck da chancelaria alemã, em 1890 (Fernandes, 2014, p.72), por discordâncias em relação aos novos rumos da nação empreendidos pelo Kaiser Wilhelm II, que reinaria de 1888 a 1914, sobretudo na política externa habilmente articulada desde a unificação, inaugura-se uma nova fase nas relações internacionais da Alemanha, denominada de *Weltpolitik* (do alemão política mundial), em busca da *Großdeutschland*, a Grande Alemanha. Entre os objetivos dessa nova política externa encontrava-se:

a necessidade de exploração das possibilidades econômicas existentes para além da Europa, mediante a identificação das regiões que poderiam responder às necessidades geopolíticas de uma expansão

colonial e marítima do II Reich, algo que parecia ser *corroborado* por Ratzel com o seu conceito de *Lebensraum* [espaço vital]. Segundo este, os diferentes Estados assumidos como organismos vivos encontram-se em permanente luta pela sobrevivência na busca de mais espaço para a sua realização e seu desenvolvimento como seres políticos. (Fernandes, 2014, p.72)

É nesse contexto de expansão da Alemanha em busca desse espaço político vital, bem como de novas áreas econômicas, que se encontram as seguintes iniciativas:

o programa de *Mitteleuropa*, envolvendo a criação de uma união aduaneira

alemã na Europa Central, bem como a ideia de *Mittelafrika*, relacionada com o controle alemão da África Central, ambas contribuindo para a conquista alemã de *ein Platz an der Sonne* (um lugar ao sol). (Fernandes, 2014, p.72)

Após anos exercendo uma política externa de baixo perfil, a China vem procurando ocupar um protagonismo na ordem internacional:

Tendo procurado por muito tempo manter um *low profile* no cenário global, nos últimos anos começou a defender um maior papel para si na ordem internacional. (tradução livre)

Após anos exercendo uma política externa de baixo perfil, a China vem procurando ocupar um protagonismo na ordem internacional

A ambiciosa iniciativa *Obor* pode ser enquadrada como uma tentativa “renovada, forte e melhor coordenada de expansão da influência chinesa além de suas fronteiras” (*The Economist*, 2015, p. 2). Nas palavras da declaração

conjunta intitulada “Vision and Actions on Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st Century Maritime Silk Road”, dos Ministérios de Relações Exteriores e do Ministério do Comércio, de março de 2015, a iniciativa regional tem por propósito:

O *Belt and Road* percorre os continentes da Ásia, Europa e África, conectando o círculo econômico vibrante do Leste Asiático em uma extremidade e o desenvolvido círculo econômico europeu na outra, e abrange os países com um enorme potencial para o desenvolvimento econômico. O Cinturão da Rota da Seda reúne a China, a Ásia Central, a Rússia e a Europa (Báltico); liga a China com o Golfo Pérsico e o Mar

Mediterrâneo através da Ásia Central e do Oeste da Ásia; e conecta a China com o Sudeste Asiático, Sul da Ásia e o Oceano Índico. A Rota da Seda Marítima do Século XXI é projetada para ir da costa da China para a Europa através do Mar do Sul da China e do Oceano Índico em uma rota, e da costa da China através do Mar do Sul da China para o Pacífico Sul em outra. (tradução livre)

Tal qual a Alemanha em sua *Weltpolitik*, que não se resumia à busca por colônias, mas também à implantação de uma união aduaneira na Europa Central, e que transbordava o continente europeu, seu espaço de atuação geopolítica por excelência, a China tem tido “um comportamento internacional cada vez mais assertivo” (Jisi, 2011, p. 1).

O espraiamento de sua área de atuação de política externa para um ambiente fora da Ásia, ainda que com intenções cooperativas, é motivo, ao menos em virtude do exemplo alemão do início do século XX e da tensão hegemônica existente entre China e Estados Unidos (Ikenberry, 2008, *passim*), de ser acompanhado com atenção.

PODER NAVAL

Nesta última seção, comparar-se-ão as projeções de poder naval alemã e chinesa, a fim de verificar se as mesmas possuem convergência como ferramentas em auxílio à política externa. Till (2009, p. 253) ressalta que todos os teóricos navais creem no aforismo de John Stuart Mill de que “nossa diplomacia não vale de nada quando

não se tem uma esquadra na retaguarda”. Tal epígrafe representa a importância do exercício de projeção de poder naval por parte dos Estados.

Também Alsina Júnior (2015, p. 360) aponta que “a Marinha, força mais vocacionada ao relacionamento com outras nações, apresenta-se como instrumento por excelência de uma política externa assertiva”. Cabe verificar se ambas as nações desenvolveram um Poder Naval que não somente protegesse as linhas de comércio marítimas, mas, sobretudo, promovesse a dissuasão e a projeção de poder.

**Os teóricos navais creem
no aforismo de John
Stuart Mill de que “nossa
diplomacia não vale
de nada quando não se
tem uma esquadra na
retaguarda”**

O Kaiser Wilhelm II, neto da Rainha Vitória e curiosamente almirante honorário da Royal Navy, inicia a partir de 1898, em conjunto com seu ministro da Marinha e o Almirante Alfred von Tirpitz (1849-1930), um amplo programa de construção naval visando à construção

de uma esquadra de alto-mar a fim de superar sua principal rival, a Grã-Bretanha, a maior do mundo, inspirados pelo teórico do poder naval norte-americano, o Contra-Almirante Alfred Thayer Mahan (1840-1914), e por sua obra *The Influence of Sea Power Upon History (1660-1783)*, de 1890, de alta popularidade até os dias atuais. Em síntese, o pensamento de Mahan é bastante claro:

“prioridade deveria ser atribuída à Marinha, pois os destinos das nações dependiam de capacidade de construir poder marítimo tal qual lhes assegurasse não somente desenvolvimento econômico, mas também a sobrevivência diante da possibilidade de que o acesso aos oceanos lhes fosse cortado. Do ponto de vista estratégico, tratava-se de buscar a

posse de esquadras capazes de garantir o comando do mar – única forma de assegurar o fluxo normal de mercadorias e o livre trânsito em direção aos territórios em que se encontravam as colônias. Havia, portanto, relação dialética entre economia e poder naval. A primeira garantia a existência dos recursos necessários à criação e manutenção do segundo, e esta mantinha as rotas marítimas desimpedidas de modo que aquela não fosse prejudicada. (Alsina Júnior, 2015, p.201)

Conforme já mencionado, era necessário que a Alemanha possuísse uma poderosa Marinha para proteger o comércio marítimo e seus nascentes interesses coloniais. Como sabido, a busca desenfreada da hegemonia naval pela Alemanha foi um dos motivos de tensão entre as potências europeias, notadamente com a Grã-Bretanha, que descarriaram na Primeira Guerra Mundial.

Atualmente, constata-se no Oceano Pacífico, nos últimos anos, diversos incidentes e confrontações que vêm ocorrendo nas áreas marítimas e ilhas em disputa do Leste e Sudeste Asiático, entre a China, Vietnã, Filipinas e Japão, envolvendo navios mercantes e de pesquisa; embarcações de monitoramento da China Marine Surveillance, agência governamental de caráter paramilitar inserida na estrutura do Ministério dos Transportes chinês, da Marinha do Exército de Libertação Popular da China; e belonaves das demais Marinhas dos países envolvidos (Till, 2009).

Os incidentes no Mar do Sul da China causados, sobretudo, pela expansão do poder naval chinês em busca de libertar-se de seu estrangulamento em águas regionais encontram semelhança na expansão do poder naval alemão procurando acompanhar a *Weltpolitik*

Em relação à 21st Century Maritime Silk Road, a componente marítima da iniciativa *Obor*, além das questões regionais, sobretudo no Mar do Sul da China, as autoridades chinesas têm a expectativa de, por meio dessa estratégia de integração, secundariamente reduzir a supremacia naval norte-americana, ator endógeno na Ásia-Pacífico:

As autoridades chinesas esperam que [a estratégia *One Belt, One Road*] levará eventualmente a uma situação em que a Europa se torne uma mera península no

final do continente asiático, economicamente integrada e dependente da locomotiva chinesa, enquanto os Estados Unidos são relegados para a posição de uma ilha distante, flutuando entre o Atlântico e o Pacífico. O nascimento de um corredor econômico transcontinental, como previsto pelas autoridades chinesas, poderia mudar o panorama global, transferindo o foco da estratégia e do comércio para a Eurásia a partir

das águas em torno dela e reduzindo a importância da supremacia naval dos EUA. (tradução livre)

Portanto, os incidentes no Mar do Sul da China causados, sobretudo, pela expansão do poder naval chinês em busca de libertar-se de seu estrangulamento em águas regionais, de forma a que possa acompanhar sua política externa diplomática mais assertiva, além das disputas territoriais e por recursos energéticos e naturais existentes naquelas águas, encontram também semelhança na

expansão do poder naval alemão procurando acompanhar a *Weltpolitik*.

CONCLUSÃO

Procurou-se demonstrar neste artigo, por meio de três variáveis – os imperativos geopolíticos e econômicos, a política externa e o poder naval – que o atual comportamento da política externa chinesa, simbolizada pela iniciativa de integração regional *One Belt, One Road (Obor)*, guarda semelhanças com a *Weltpolitik*, política mundial, e o comportamento internacional da Alemanha de Wilhelm II (1888-1914). Não significa, entretanto, que a iniciativa não possua interesses genuínos de cooperação intensa e promoção do desenvolvimento, sendo um “jogo de soma-zero” (Swaine, 2015, p. 7). Ela apenas visa contribuir para uma análise, fundamentada na geopolítica e na historiografia, transcendendo assim o caráter economicista e de interdependência

predominante nas principais abordagens de integração regional, proporcionando um olhar crítico sobre o verdadeiro significado por trás de projetos integracionista de alcance quase global, notadamente aqueles que deixam uma parcela considerável do mundo, as Américas e a costa atlântica, fora da regionalização.

Esse alcance quase global proposto pelo possível postulante a poder hegemônico,

coincidentalmente excluindo a potência hegemônica atual e seu entorno geopolítico natural, fora a principal motivação para este artigo, e que causou espécie no autor.

Como a tentativa de isolamento da potência hegemônica e a criação de uma nova ordem internacional já havia ocorrido à época da rivalidade imperial entre Grã-Bretanha e Alemanha, por parte da última, o paradigma já estava estabelecido, cabendo compará-lo.

Ademais, a *Obor*, *a priori*, não aparenta ser a tentativa do início de uma nova ordem mundial econômico-política sinocêntrica e uma ruptura com a ordem mundial centrada nos Estados Unidos, embora seja uma possibilidade. Talvez a China, conforme apontado por Ikenberry (2008, p. 4), esteja tentando acomodar seu crescimento econômico e seu apetite geopolítico à ordem existente. Outra possibilidade é a tentativa de, aos poucos, a China mudar, por meio da *Obor*, iniciativa regional de

grande amplitude e alcance, a ordem mundial existente, em vez de adaptar-se à atual.

Somente o futuro da *Obor* irá determinar se a China terá capacidade econômica e fôlego diplomático para manter tal ambiciosa política de integração super-regional ou se tudo apenas não passará para a História como uma ambiciosa *Weltpolitik* chinesa, que colidiu com a ordem hegemônica existente.

Somente o futuro da *Obor* irá determinar se a China terá capacidade econômica e fôlego diplomático para manter tal ambiciosa política de integração super-regional

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICAS>; Alemanha; Inglaterra; Estados Unidos; China; Estratégia; Geopolítica;

BIBLIOGRAFIA

- ALSINA JÚNIOR, João Paulo Soares. *Rio-Branco, grande estratégia e o poder naval*. Editora FGV, 2015.
- BUZAN, Barry, Wæver, Ole. *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CONRAD, S., 2012. *German Colonialism: A Short History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- IKENBERRY, G. John. “The Rise of China and the Future of the West” (cover story). *Foreign Affairs*. Jan/Feb2008, Vol. 87 Issue 1, p.23-37. 15p. 2 Black and White Photographs, 2 Charts.
- ECONOMIST, The. “Prospects and challenges on China’s ‘one belt, one road’: a risk assessment report”. The Economist Intelligence Unit, 2015. Disponível em: http://www.eiu.com/public/topical_report.aspx?campaignid=OneBeltOneRoad . Acessado em 06/10/2015.
- FERNANDES, Marisa. “Geopolítica da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: o caso do sudoeste africano”. *Revista de Ciências Militares*, maio de 2014 II (1), pp. 65-86. Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>. Acessado em 11/10/2015.
- JISI, Wang . “China’s Search for a Grand Strategy”. *Foreign Affairs*. Mar/Apr2011, Vol. 90 Issue 2, p 68-79. 12 p.
- PINTO, Paulo Cordeiro de Andrade. *Diplomacia e política de defesa: o Brasil no debate sobre a segurança hemisférica na década pós-Guerra Fria (1990-2000)*. Funag, 2015.
- SHAMBAUGH, David. *International Relations of Asia*. Edited by David Shambaugh and Michael Yahuda, 2008.
- STEINBERG, Jonathan. *Bismarck: uma vida*. Amarelis, 2015. Barueri, SP.
- SWAINE, Michael D. “Chinese Views and Commentary on the “One Belt, One Road” Initiative”. *China Leadership Monitor*, nº 47, 2015. Disponível em: <http://www.hoover.org/sites/default/files/research/docs/clm47ms.pdf>. Acessado em 07/10/2015.
- TILL, Geoffrey. *Seapower: a guide for the twenty-first century*. Routledge, 2009.
- WESSELING, H.L. *Dividir para dominar – A partilha da África*. UFRJ, 1998.